



isto é inconfidência

BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ANO V • Nº 12 • 2003

Perseguindo o Futuro do Futuro

páginas 4 e 5



editorial

A obra de Juscelino Kubitschek de Oliveira vem sendo valorizada, como é compreensível, principalmente pelas construções civis e as iniciativas que visavam o nosso desenvolvimento material. O que continua emocionando é a lembrança do feito grandioso da edificação de Brasília, a implantação das fábricas de automóveis, a abertura e asfaltamento de estradas continentais, o aumento da geração de energia para atender as exigências de um parque produtivo em acelerado crescimento. Mas, no caso desse administrador excepcional, nada pode ser desconsiderado. O que ele nos deixou foi principalmente uma lição de vida e uma demonstração de que, dentro da realidade, não há nada que não esteja interligado e não interaja para a composição e a afirmação do conjunto.

É digno de nota o fato de os dois maiores presidentes que o Brasil já teve - Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek - acabaram sendo também aqueles que mais atenção dispensaram à cultura. O primeiro, nos 15 anos que esteve no governo, promoveu a reforma do ensino, tombou monumentos e cidades históricas, iniciando a proteção do patrimônio legado pelos séculos anteriores. O mineiro se converteu em difusor privilegiado da modernidade cultural que, a partir da Semana de Arte de 1922, juntando passado e presente, procurando inserir as forças criadoras do país nas correntes de progresso e inovação que se movimentavam pelo mundo, despontava como redescobridora da nacionalidade.

É fundamental que se compreenda, dessa tomada de posição é que nasceria o projeto de nação de Juscelino. Foi nas providências que veio tomando desde a sua passagem pela Prefeitura de Belo Horizonte, no sentido do comprometimento com o novo e o revolucionário, que encontrou inspiração para a obra de proporções surpreendentes que nos legou, de construção de um Brasil forte e poderoso, realmente decidido a viver o seu tempo.

A experiência de Juscelino precisa ser meditada por quantos, investidos na condição de líderes políticos, têm a responsabilidade de planejar e executar o desenvolvimento nacional. Abrindo o leque dos seus interesses e das suas preocupações em todas as direções, o governante que estabeleceu a meta de realizar cinquenta anos em cinco estava jogando por terra a tese dos que acreditam numa solução unívoca para os nossos problemas. É preciso que as novas gerações aprendam que na realidade tudo se soma e a contribuição do inesperado muitas vezes só constitui surpresa para aqueles que não aprenderam a raciocinar em termos de complexidade. Os que teimam em estreitar o ângulo de visão dos nossos problemas, acreditando que tudo pode ser resolvido através do enfrentamento exclusivo de questões que à primeira vista parecem prioritárias, devem ter a compreensão de que, haja o que houver, aconteça o que acontecer, o encaminhamento de uma política que conduzirá o país até o seu destino - que creditamos sem dúvida será grandioso - passará necessariamente por uma revolução cultural e educacional.

Capa:

BRASÍLIA - RONALDO MORAES/ACERVO JORNAL ESTADO DE
MINAS/REVISTA O CRUZEIRO/ 21.04.1960

isto é inconfidência

ANO V • Nº 12 • 2003

Publicação do
MinC - IPHAN - Museu da Inconfidência

Praça Tiradentes, 139 • Cep 35400-000
Ouro Preto • Minas Gerais

Fone fax (31) 3551 1121 e 3551 5233
museuinc@feop.com.br

Tiragem:
1500 exemplares

Periodicidade:
Trimestral

Projeto Gráfico
Lais Freire dos Reis

Editor
Rui Mourão

Sobre a Loucura de Bárbara Eliodora

Barbara Eliodora Guilhermina Silveira

Por ser a documentação escassa e quase toda de fonte oficial, muitas dúvidas persistem quando se aborda o tema da Inconfidência Mineira. Algumas, porém, podem ser discutidas e esclarecidas. Sobre Bárbara Eliodora, esposa do inconfidente Inácio José de Alvarenga Peixoto, uma das musas do movimento, vários historiadores afirmaram a sua loucura, que teria sido resultado dos sofrimentos por que passou, a prisão, o degredo e a morte do marido, a morte da filha mais velha, Maria Efigênia, provocada por queda de cavalo.

Documentos com a assinatura de Bárbara mostram que, pelo menos nesses primeiros anos de provação, ela se encontrava em estado de perfeito juízo. Lúcida, com a ajuda do amigo e compadre, o poderoso e influente contratador João Rodrigues de Macedo, administrava os próprios bens. Para a comprovação disso, além de dois apensos originais pertencentes ao acervo do arquivo histórico do Museu, vai aqui apresentado um requerimento publicado no volume 5 dos Autos de Devassa da Inconfidência (*Imprensa Oficial*, p. 178-179):

Diz Dona Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira, que ela tem notícia que, por ordem de Vossa Mercê, se está procedendo a seqüestro em todos os bens que há no seu casal, e de seu marido, o Doutor Inácio José de Alvarenga Peixoto, (...) e como a Suplicante se acha casada com o dito seu marido por carta de metade, do qual matrimônio existem filhos, e na forma das leis do Reino, em todo e qualquer caso, é livre a meação da mulher; requer a Suplicante que, antes do dito seqüestro, se proceda primeiro a inventário e partilha, para se saber o que vem da meação a cada um, e na parte que tocar ao dito seu marido, se proceda ao seqüestro, ficando livre e desembaraçada à Suplicante a outra metade...

Para administrador e depositário dos bens foi nomeado o Furriel Francisco Xavier Pereira, segundo Termo de Obrigação assinado pelo mesmo:

Termo de obrigação. Aos dezoito dias do mês de outubro de mil setecentos e oitenta e nove anos, neste Arraial de Santo Antônio do Vale de Piedade, da Campanha do Rio Verde, (...) aí compareceu presente Francisco Xavier Pereira, depositário dos bens seqüestrados ao Doutor Inácio José de Alvarenga Peixoto (...) ao qual pelo dito Ministro (...) lhe ordenava administrar a fábrica seqüestrada ao dito Doutor Inácio José de Alvarenga, tanto na fazenda do engenho como nas lavras (...) e pelo dito Francisco Xavier Pereira foi dito que suposto o salário que se lhe arbitrava era diminuto ao trabalho, (...) aceitava a dita administração, (...) a cumprir com as obrigações, que lhe eram impostas e a dar de tudo conta, na forma sobredita... (Autos de Devassa, v. 6, p. 215).

O primeiro apenso, de 1792, trata da prestação de contas feita pelo administrador, onde apresenta os rendimentos e as despesas com as Catas do Baú, das Cabras, do Lopo, com a lavra de Santa Luzia, além de pagamentos a feitores, compras de gêneros alimentícios, mortalhas para os escravos falecidos, pregos, pólvora, borrachas para levar o ouro, feijão para os negros de roça e planta, sal para a roça e para o gado, peneiras e panelas para a roça e rego, pagamento de aluguel de escravos, etc. No Balanço a fls. 4 v, constam os seguintes rendimentos: ouro fundido da Cata do Baú e mais rendimentos da dita cata, no valor de 1:648\$827 (um conto, seiscentos e quarenta e oito mil, oitocentos e vinte e sete réis). Já as Catas das Cabras e do Lopo renderam a quantia de 4:178\$587. O rendimento das cachaças foi de 405\$600 e o da Lavra de Santa Luzia 54\$225, o que perfaz um total de **6:287\$239**. A fls. 5,

demonstram-se as despesas com o custeio das catas, pagamentos à meeira, parte pertencente somente à meação seqüestrada e mais o que havia em ouro, que totaliza também a quantia de 6:287\$239. O apenso termina a fls. 6 com a conta do ouro que, quintado e fundido, rendeu a quantia de 5:390\$614 e permaneceu na Casa de Fundição.

No segundo apenso, datado do mesmo ano, Bárbara Eliodora questiona as contas apresentadas no primeiro. Embora afirme a proibidade do administrador, põe em dúvida a honestidade dos feitores. Segundo ela, não há proporção entre os serviços e as despesas com relação às lavras, "ficando sempre a meação da (ileg.) de pior condição. Por cujo motivo quer se lhe apresentem as listas dos feitores, de onde se extrai a conta geral, para de uma vez se averiguarem estas dúvidas." E continua:

Este escandaloso desfalque nos serviços da minha meação me dá muito que suspeitar sobre a conduta dos feitores, que são os que fazem as listas donde o administrador extraiu as contas gerais (...) Enfim, por me não demorar mais nesta dúvida, somente lembro que o administrador não deve descansar na fé dos feitores, que estes em as (sic) listas que fizeram, se as fizeram (pois do contrário estou assim informada) me podem atribuir o desvio de escravos, que não desviei e só à vista das tais listas é que posso vir no conhecimento da sua verdade e boa conduta (...) Semelhantes erros e desproporções sempre contra mim acabam de (?) agravar e justificar as minhas desconfianças, (...) ao mesmo tempo que não posso deixar de notar o descuido que deu motivo a perca (sic), dos bois e a falta de porcos, (...) apesar da estrondosa parcela de 151/8 3/4 e sete vinténs que na mencionada conta do feitor José Lopes gratuitamente recebi, digo, gratuitamente se diz que recebi (grifo nosso). Assim como noto dar-se ao feitor Lauriano a porção de 72\$000, quando pelos assentos de meu marido se ... (?) faz justo por 60\$000 (...) Mas pondo de parte estas e outras omissões, o meu fim nas presentes dúvidas é acautelar os erros que nas contas do administrador manifestamente me prejudicam ou os que se podem fazer manifesto à vista das listas particulares dos feitores, que se devem apresentar e sem as quais parece que nem prévia e verbalmente se podem julgar as ditas contas.

O documento está com a rubrica Barr:ºs (do Capitão Domingos Rodrigues Barreiros, escrivão da Ouvidoria Geral e Correição na Vila de São João del Rei e sua Comarca do Rio das Mortes) e com a assinatura bem traçada e perfeitamente legível de Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira.

Paulo Krüger Corrêa Mourão em artigo (*O Diário*, Belo Horizonte, 19/12/1958), afirma que

em 1814, portanto vinte e cinco anos depois da prisão de Alvarenga, Bárbara Eliodora era proprietária de 15 escravos trabalhando na lavra da Boa Vista, onde morava então. Essa residência era opulenta, pois havia aí um número considerável de funcionários remunerados (...) A esposa de Alvarenga Peixoto viveu até o ano de 1819 quando, em 24 de maio, com sessenta anos de idade, faleceu em São Gonçalo do Sapucaí, de tuberculose.

De acordo ainda com o autor, Joaquim Norberto foi quem teria primeiro apresentado a versão da loucura de Bárbara Eliodora, ao descrevê-la andando pelas ruas de São João del Rei "com os cabelos soltos, esparsos, desganhados; com os vestidos dilacerados e rotos; com o olhar brilhante, mas espavorido, falando no esposo e nos filhos e derramando torrentes de lágrimas."

N

as comemorações do centenário do nascimento de Juscelino Kubitschek de Oliveira, transcorrido no ano passado, não vi sequer referência a uma ação particular do político clarividente, possuidor de visão totalizadora do fenômeno social, que revolucionou o ambiente cultural de Minas Gerais. Ao assumir seu primeiro cargo executivo - de prefeito de Belo Horizonte, nomeado por Benedito Valadares em plena ditadura do Estado Novo - o futuro construtor de Brasília logo revelaria que, embora surgindo dentro dos quadros de uma ordem envelhecida, era alguém que pisava terreno diferente. Posicionado no limiar de um futuro que naquele instante apenas divisava, pôs de lado as práticas administrativas dominantes, o ranço da República Velha, de chefes oligarcas só interessados em garantir o domínio do seu grupo de dominação, e tratou de abrir o espaço que mais lhe convinha.

Parceiro da Arquitetura

A arquitetura moderna teve início no Brasil com a edificação da sede do Ministério da Educação e Saúde, no morro do Castelo, no Rio de Janeiro, atual Palácio Gustavo Capanema, que contou com a consultoria de Le Corbusier, o criador das estruturas de concreto armado. Em torno da obra, convertida em verdadeiro laboratório experimental, se juntaram Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Carlos Azevedo, Affonso Eduardo Reidy, Jorge Moreira, Ernani Vasconcelos, Roberto Burle Marx, Cândido Portinari, Carlos Antônio Dias. Foi acontecimento que chamou atenção. Graças à lucidez do ministro Gustavo Capanema, estava sendo enterrada de vez, com o prestígio de uma realização oficial de vulto, a equivocada proposta de José Mariano Filho, que polemizando com Lúcio Costa, defendia a renovação do sistema construtivo brasileiro pela saída do neocolonialismo.

O prefeito de Belo Horizonte, ao programar a construção do conjunto da Pampulha, não pensaria duas vezes. Tratou de encomendar o projeto ao recém-formado Oscar Niemeyer, àquela época promessa que apenas despontava. Na companhia dele vieram Cândido Portinari, Roberto Burle Marx, Alfredo Ceschiati, Maria Martins, José Pedrosa.

Juscelino Kubitschek, iria se consagrar, a partir dali, como o grande patrono da arquitetura moderna nacional, condição que se consolidaria posteriormente e alcançaria repercussão internacional com a construção de Brasília. Estudiosos têm afirmado o que Niemeyer confirmou em depoimento. Ao fazer o risco da lagoa da Pampulha, estava nascendo o grande arquiteto. Aquelas formas de concreto armado, alumínio e vidro em perfeita integração com a natureza circundante, constituía algo novo, uma linguagem de consumada poesia, de movimentos livres, radicada na melhor tradição nacional, remontando ao próprio barroco das nossas cidades históricas.

Espírito Renovador

O prefeito arrojado e empreendedor daria nova mostra de que desejava caminhar com o seu tempo ao inaugurar o asfalto em Minas Gerais, pavimentando a Avenida Afonso Pena. Mas a sua vontade de chocar o conservadorismo não se contentou com aquela obra vistosa que provocava frisson entre os belorizontinos. Lúcio Costa, nomeado diretor da Escola de Belas Artes, no Rio de Janeiro, acolhendo as obras de criadores de vanguarda que vinham arejando o ambiente brasileiro, desencadeara ruidosa campanha de combate ao academismo dominante na velha instituição. Aquele exemplo chamou a atenção do político mineiro. O certo é que ele decidiu também agredir o conservadorismo, realizando uma exposição modernista no saguão do Edifício Guimarães, acontecimento escandaloso, com direito a protestos e tentativa de destruição das obras.

Interessado em não deixar perder o efeito da sacudida produzida por aquela escaramuça, foi se entender na Capital da República com Cândido Portinari e obteve dele a indicação de Alberto da Veiga Guignard, que aceitou convite para vir implantar, em Belo Horizonte, um curso de desenho e pintura em moldes inovadores. O resultado dessa iniciativa todos conhecemos: o pintor excepcional, que completaria em Minas a sua evolução, desenvolveu em torno de si a mais fecunda atividade de ensino, formando uma geração inteira de jovens e tornando-se, a partir daquele momento, o grande responsável pelo que de mais fecundo aconteceu entre nós no terreno das artes plásticas.

Descoberta da Música

Juscelino possuía visão completa da magnitude e complexidade da questão cultural. Seu interesse não se limitava ao patrocínio das brigadas do novo e do revolucionário, aquilo que despertava maior atenção dos órgãos de comunicação e, em consequência, produzia rendimento político imediato.

Para a organização de edição brasileira do Boletim Latino-americano de Música, órgão criado no Uruguai com o objetivo de difundir o movimento do Americanismo Musical, o compositor Heitor Villa-Lobos havia trazido ao Rio de Janeiro o musicólogo alemão Francisco Curt Lange. Por sugestão do inspetor de Educação e Saúde do município, José Guimarães Menegale, aproveitando período de pausa no trabalho que se desenvolvia na Capital da República, o prefeito convidou o musicólogo para vir organizar em Belo Horizonte uma discoteca e assessorar na criação de orquestra sinfônica que seria dirigida por Arthur Bosmans. Isso iria resultar num dos fatos mais extraordinários da cultura brasileira.

Ao botar o pé em Minas Gerais, não acreditando que a sociedade altamente desenvolvida do período colonial, ao lado da talha, da escultura, da pintura, da literatura, tivesse deixado de produzir qualquer expressão musical de valor, Curt Lange começou a viajar pelas nossas cidades históricas. Acabou descobrindo a música colonial. Seu feito resultou deveras

PERSEGUINDO O FUTURO DO FUTURO

Rui Mourão

notável. Ele acrescentou à história da música no Brasil até então conhecida, nada menos do que um século de criação totalmente ignorada pelos brasileiros. Seu trabalho revelaria ainda que, no período colonial, o serviço da música envolvia centenas de pessoas em Minas Gerais e o que aqui se produzia era de nível compatível com o praticado, por exemplo, seja em Praga, seja em Berlim.

Multiplicação

Com as providências de Juscelino Kubitschek, que transformaram Minas Gerais em pólo cultural dos mais ativos, essa quadra e a seguinte iriam atrair ainda dois intelectuais estrangeiros, de grande porte, que aqui vieram desenvolver trabalho até hoje marcante no panorama geral da cultura brasileira.

Germain Bazin, então conservador do Museu do Louvre, em Paris, estudou em profundidade a obra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, contribuindo decisivamente para firmar o prestígio internacional do nosso maior escultor, e Manoel Rodrigues Lapa, professor português de invejável formação humanística, além de honrar a cátedra no ensino de Letras na Universidade Federal de Minas Gerais, escreveria livros fundamentais sobre a vida e a obra dos poetas que integraram o movimento da Inconfidência Mineira.

Governador

Seu gabinete, no Palácio da Liberdade, era repleto de escritores. Esse apreço pelos homens de letras não foi absolutamente circunstancial. Ao deixar a presidência da República, freqüentava quase diariamente a sede da Revista Manchete para se encontrar com o amigo Jonas Bloch e lia romances de Jorge Amado. Ao longo da existência freqüentou principalmente a obra de poetas, hábito que se refletia na sua oratória, de acentuada tendência para os floreios retóricos. Ao homenagear Alphonsus de Guimaraens, mandando edificar seu túmulo em Mariana, na solenidade de inauguração ficou conhecendo Augusto Frederico Schmidt, que viera convidado por Alphonsus de Guimaraens Filho para ser o orador oficial. Juscelino mostrou-se de tal forma deslumbrado com o poder verbal do poeta carioca que não sacou do bolso o discurso que lhe haviam preparado para a ocasião, e lançou-se a eloqüente improvisado derramado, como se tivesse ali recebido um desafio. A partir daquele momento, não permitiu mais que Schmidt dele se afastasse. O escritor passou a ser redator privilegiado de seus discursos, na campanha para presidente e no exercício da Presidência, tendo com ele criado a OPA-Operação Panamericana, para atuação

no Continente. O interesse pela literatura o levaria ainda a projetar a construção do prédio da biblioteca estadual, que ficaria por terminar quando saiu para a disputa do governo federal.

Enquanto governador, Juscelino traria para Minas um setor da Bienal de São Paulo, que ficou exposto em salões do Edifício Dantés. A mostra incluía a célebre Unidade Tripartida, de Max Bill, em aço polido, a primeira escultura construtivista a circular por aqui.

Inconfidência

Ainda na prefeitura de Belo Horizonte, Juscelino acompanhou as providências tomadas por Getúlio Vargas e Gustavo Capanema, que promoveram o repatriamento dos restos mortais dos heróis da conspiração mineira de 1789, criaram o Panteão dos Inconfidentes e implantaram o Museu da Inconfidência. No governo do Estado, um dos seus primeiros atos

seria completar aquela obra de consagração dos patriotas que em Minas se sacrificaram pelo ideal político de emancipação brasileira.

A providência que tomou, pela sua significação cívica e cultural, nunca mais deixaria de ser repetida e será sem dúvida perpetuada. Juscelino instituiu a prática de anualmente transferir a capital do estado para Ouro Preto, no dia 21 de abril, e realizar, no patamar das escadarias do Museu da Inconfidência, solenidade de repercussão nacional, exaltando a figura do mártir da liberdade, o herói máximo da nacionalidade.

Ouro Preto

É necessário lembrar também que a cidade de Ouro Preto, abandonada ao ostracismo a que a votou a transferência da capital para Belo Horizonte, não teria nova oportunidade de vida - a sua transformação em núcleo gerador de turismo cultural, em condições de contribuir cada vez mais para a economia regional - não fosse a ação dinâmica do lúcido governador, que mandou asfaltar a estrada de rodagem. Pelas suas condições praticamente inviáveis, a atual Rodovia dos Inconfidentes na época mais isolava do que aproximava dos centros dinâmicos do país, a antiga Vila Rica.

O acesso de carro à cidade constituía verdadeira aventura. Comendo pó, o visitante se arriscava por estreito caminho, repleto de curvas, que avançava sempre à beira de precipícios. A opção que restava era a da viagem de trem. Seis horas na maria-fumaça, equipado com guarda-pó, debaixo das fagulhas e do carvão que o resfolegar da máquina ao vencer os morros produzia.



Visita a Belo Horizonte em 1956

Eugênio Silvado/Arquivo Jornal Estado de Minas/Revista O Cruzeiro/Janeiro 1956

I Exposição de Arte Moderna de Belo Horizonte

Em maio de 1944 inaugurava-se, no edifício Mariana, atual avenida Afonso Pena entre rua Tupis e Espírito Santo, a primeira exposição de arte moderna da cidade, promovida pelo então prefeito Juscelino Kubitschek. O binômio energia e transporte, transposto para a área da cultura teria como provável inscrição as palavras modernidade e renovação. Nesse clima de efervescência, eram implementadas medidas de reestruturação da paisagem urbana. Multiplicam-se obras de saneamento, abertura de avenidas, ligações viárias, remodelação de bairros.

Sintonizar com as artes plásticas modernas foi missão assumida por JK. No discurso de abertura da I Exposição de Arte Moderna de Belo Horizonte, o prefeito proclamava que a mostra "estava evidenciando a vitalidade do movimento modernista brasileiro. As tendências renovadoras dos padrões estéticos já venceram inteiramente em todas as nações civilizadas" (*Estado de Minas*, 7 maio 1944). O moderno vinha de fora - Europa e eixo Rio-São Paulo. São expostas obras de Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Di Cavalcanti, Guignard, Anita Malfatti, Portinari, Rebolo, Santa Rosa, Djanira, Goeldi, Carlos Scliar, Pancetti, Lasar Segall, Burle Marx, dentre outros.

Esteve presente à exposição uma comitiva de artistas cariocas. A recepção do público mineiro parece ter sido motivo de preocupação dos organizadores. Segundo Guimarães Menegale, o objetivo foi mostrar aos mineiros o que é a arte moderna, submetendo-a a julgamento geral. Nas suas palavras: "a exposição não é uma imposição (...) Quem a imaginou e a promoveu não teve a intenção de forçar o gosto e a opinião do público e de ninguém" (*Estado de Minas*, 3 maio).

A imprensa local mostrou-se receptiva, porém cautelosa. Divulgou a programação, elogiou a iniciativa, mas a perspectiva de análise mostrou-se bem mais contida e desconfiada do que a fala de Juscelino. Um artigo que precedeu a mostra dava o tom da receptividade: "o espírito progressista da arte mineira, sempre disposta a aceitar as salutares conquistas da arte moderna sem renunciar às grandezas eternas do passado. Minas foi sempre o equilíbrio, a ordem e o bom senso, mas nunca foi a estagnação" (*Estado de Minas*, 13 abr.). Desta forma, são os artistas modernos "consagrados" que teriam a oportunidade de contato com os mineiros, discurso que deixa transparecer certo incômodo com o que é estrangeiro às Minas.

Hermenegildo Chaves, em artigo intitulado "A contradição da arte moderna", criticou a exposição e os conferencistas, os quais "não vieram suficientemente preparados para reduzir as resistências da heresia entre os bárbaros da montanha". Sobre a liberdade de criação do artista é taxativo: não pode o artista "criar formas da realidade à imagem dos seus caprichos". E mais adiante acrescentava: "o que irrita a nossa sensibilidade são os excessos e extravagâncias do surrealismo, tão próprios para deslumbrar os snobs (...) o que

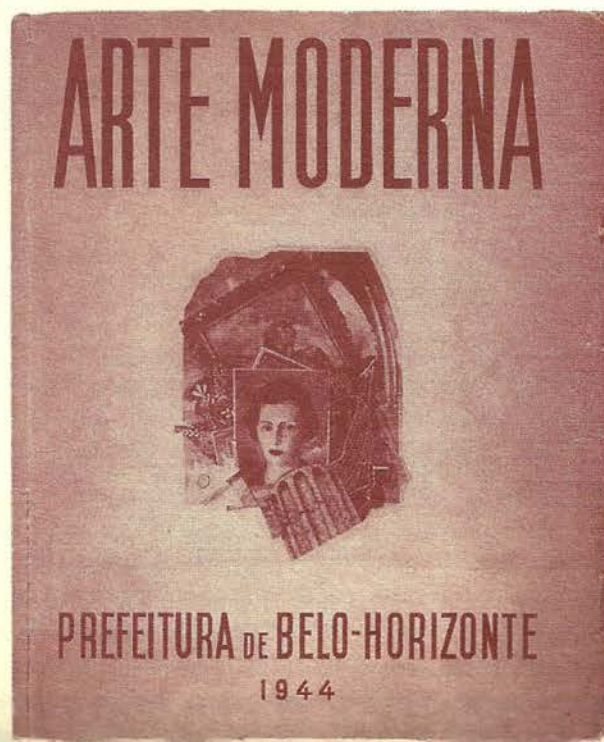
repugna na estética revolucionária dos nossos dias é exatamente a evidência das suas afinidades com a filosofia Fascio (...) o que aproxima os dois movimentos (...) é que um e outro não entram em contato com as massas e dispensam a simpatia ou adesão espontânea do maior número..." (*Estado de Minas*, 1 jun.).

Com o artigo "Os falsos enciclopedistas", uma outra voz se levanta contra a arte modernista apresentada no "certame". Djalma Andrade dizia que os modernistas, com uma criação inacessível às massas, desejavam influir nas questões sociais. Terminou por concluir que "as exposições de arte moderna e as doutrinações podem, em nosso Estado, perturbar as inteligências frouxas, mas nenhuma [influência] exercerão sobre o ânimo da gente mineira, que, graças a sua malícia, sabe distinguir os verdadeiros dos falsos profetas" (*Estado de Minas*, 21 jun.).

Esse estado de ânimo provocativo talvez seja o reflexo dos limites possíveis de aceitação da arte moderna naquele momento. Tal percepção deve ter sido captada pelos organizadores, que pareciam assumir o papel de mediadores entre tradição e modernidade, sem ruptura. Ao definir o movimento, Menegale não o caracterizava como ruptura com a tradição mas como uma continuidade dessa. Para ele,

uma das duas fontes mais abundantes de inspiração da arte moderna é a tradição, que resume experiências e emoções consagradas na sua perenidade histórica e no íntimo da sensibilidade geral (...). Será que respeitar a tradição e o passado significava não mudar nunca e só consagrar os modelos de fora? (...) O modernismo consiste, principalmente, numa apuração da sensibilidade, isenta de conservadorismos e artificialismos. Consiste em deixar que o artista 'ponha para fora' aquilo que sente. (...) Tudo isso exige o máximo de liberdade, que a arte acadêmica não dá, nem tolera. (...) O movimento moderno brasileiro é de origem nacional e procurou soluções nossas para os problemas espirituais e plásticos da nossa pintura. (*Estado de Minas*, 3 maio)

CARMEM SILVIA LEMOS • HISTORIADORA



Sala Manoel da Costa Athaide

O Museu da Inconfidência inaugurou, na Sala Manoel da Costa Athaide, em 28 de março, a exposição "Hexagnus", com apresentação de seis artistas que comprovam o fazer multifacetado da arte mineira no momento: Beatriz Abi-Acl, Décio Noviello, Marcelo AB, Marina Nazareth, Miguel Gontijo e Yara Tupynambá.

Em 4 de julho, foi aberta a instalação "Rex Tremendae Majestatis" (Rei de Tremenda Majestade) do artista plástico Jorge Fonseca.

Em parceria com o Centro de Cultura do SESI, realizamos, em Mariana, nas dependências do órgão, uma extensão dessa mostra, onde novos trabalhos de Jorge Fonseca foram apresentados.

A exposição recebeu na Sala Manoel da Costa Athaide o público recorde de 2500 pessoas até 30 de agosto, quando foi encerrada com a oficina "Arqueologia do Afeto", incluindo a exibição do filme *Colcha de Retalhos*, atividades lúdicas e criação de objetos, a partir de bate-papo com o artista.

Foi inaugurada em setembro a exposição "Maurino de Araújo - A Grande Talha Mineira", com obras do acervo de colecionadores. O currículo de Maurino inclui a escultura da peça que o governo mineiro ofereceu ao Papa em sua passagem por Minas Gerais, em 1980, e a doada pelo presidente João Figueiredo ao presidente alemão Karl Karsten, em 1981. Obras de Maurino figuraram na mostra "Brazil Body & Soul", do Museu Guggenheim, Nova York, em 2001.

A exposição poderá ser visitada até 26 de outubro, de terça a domingo, de 12 às 18h.

Com a curadoria do Museu da Inconfidência, foi inaugurada a exposição "Castigo: formas e permanências", que estará aberta ao público até 2 de novembro na Galeria do Centro de Cultura do SESI, em Mariana. A mostra sugere uma leitura contemporânea de diferentes modos de subjugação do corpo e da mente que perduram na sociedade brasileira, nas relações de trabalho. A linha de reflexão foi definida com a seleção de objetos de suplício de escravos e imagens de trabalhadores no período pós-revolução industrial. O acervo exposto, basicamente do Museu da Inconfidência, foi completado com peças da coleção particular de Luiz Antônio Rodrigues, Chiquitão, desenhos de Debret, Rugendas, e fotografias de Sebastião Salgado.

"O Cotidiano de Ouro Preto", exposição de fotos de Dimas Guedes, será inaugurada às 20h30, dia 7 de novembro.

Projeto Vídeo no Anexo

Durante a exposição "Rex Tremendae Majestatis", foi exibido o filme *O Aleijadinho*, de Geraldo Santos Pereira. O diretor esteve presente,

abrindo debate sobre a produção. Nos dias subsequentes, foram apresentados filmes de uma lista solicitada pelo público usuário: *El Cid - Senhor de Todas as Batalhas*, com Charlton Heston e Sophia Loren, dirigido por Anthony Mann; *Chico Rei*, de Walter Lima Júnior; *Tenda dos Milagres*, roteiro e direção de Nelson Pereira dos Santos e o *Pagador de Promessas*, de Anselmo Duarte.

Em outubro, estaremos realizando a Semana da Criança, com exposições de super-lançamentos do cinema infantil e infanto-juvenil. Serão organizadas brincadeiras, com distribuição de pipocas, encerrando-se com visitas guiadas ao Museu da Inconfidência e à Sala Manoel da Costa Athaide.

Ainda em outubro, em parceria com o Centro de Artes e Convenções e o Circuito Cine BR, estaremos divulgando uma série de longa-metragens recém lançadas no cinema brasileiro: *Rádio Favela*, *Carandiru*, *Cidade de Deus*, entre outros.

Projeto Vídeo Científico

Em setembro, o Museu da Inconfidência realizou o programa "Pais e Filhos, Um Hábito de Afeto". O ciclo de palestras, aberto à comunidade em geral, discute a contribuição efetiva dos pais no desenvolvimento sócio-cultural dos filhos. Foram conferencistas Dom Luciano Mendes de Almeida, arcebispo da Arquidiocese de Mariana, Sérgio Lellis Santiago Júnior, assessor do Tribunal de Justiça de Minas Gerais e o jornalista Cláudio Magalhães, diretor da TV UNI-BH. Foi nossa parceira a 25ª Superintendência Regional de Ensino.

Área Pedagógica

O setor continua recebendo agendamentos pelo telefone 3551-1378 para os projetos Ludomuseu e Inconfidências.

O Ludomuseu trabalha com grupos de diferentes faixas etárias, visando através de atividades lúdicas, promover a compreensão da dinâmica museológica. O atendimento é feito na Casa do Pilar, às quartas e sextas-feiras.

O Inconfidências consiste em visitas guiadas à exposição permanente, para apresentação do acervo com as suas diversas leituras possíveis. Para grupos de escolares ou não, sem faixa etária definida, o atendimento é feito no prédio principal, de quarta a sexta-feira.

A área pedagógica, em conjunto com a Seção de Difusão do Acervo e Promoção Cultural, promoveu na última semana de agosto a Oficina Arqueologia do Afeto, com a presença do artista plástico Jorge Fonseca. A atividade, através de trabalho com o tecido, procurou resgatar a trama afetiva de histórias pessoais. Contou com a participação de um grupo de 30 pessoas da comunidade.

É um prazer informar que *Oficina do Inconfidência* foi avaliada como de extremo valor por nossa comissão interna encarregada de selecionar; do conjunto de revistas acadêmicas das áreas de História e Ciências Sociais, aquelas que deveriam integrar a coleção de periódicos da nossa Biblioteca Central.

PROF. DR. DENISE ROLLEMBERG E PROF. DR. GUILHERME PEREIRA DAS NEVES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA -
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Recebi com enorme prazer as cópias da excelente *Oficina do Inconfidência*.

KENNETH MAXWELL
HISTORIADOR, DIRETOR PARA A AMÉRICA LATINA
DO COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS

Agradecemos o vol.5 do *Isto é Inconfidência*.
Desejamos continuar recebendo.

GRAÇA OGANDO
BIBLIOTECA DO ICHS DA UFOP

Agradecemos o envio do nº 1 de *Oficina do Inconfidência - Revista de Trabalho*.

NÁDIA LAGE DE MEDEIROS
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL PELO SETOR DE
PERIÓDICOS DA UNI-BH

Agradeço muito o nº 11 de *Isto é Inconfidência*. Louvo a luta incansável de preservação do nosso patrimônio cultural, de que a nossa Minas Gerais é guardiã.

JOSÉ BENTO
ANTIGO SECRETÁRIO DE MÁRIO DE ANDRADE

Agradeço mais um número de *Isto é Inconfidência*.

CLÁUDIO LEITÃO
PROFESSOR E CRÍTICO LITERÁRIO

Agradeço aos amigos de *Isto é Inconfidência* a assídua remessa da ótima publicação, de alto nível, que muito admiro e me alegra.

AMAURY BRANDT
ARTISTA PLÁSTICO

Terminei hoje a leitura do nº 11 de *Isto é Inconfidência*. É digno do maior elogio o trabalho de recuperação, catalogação e organização dos documentos do acervo do Museu. Trata-se de exemplo a ser seguido por todos aqueles interessados em nossa herança histórica e cultural.

NASSIM CALIXTO
MÉDICO E PROFESSOR

Acessibilidade

O acesso de pessoas necessitadas de cuidados especiais ao Museu está sendo viabilizado com a ajuda da VITAE - Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social.

Adquirido o equipamento denominado Stair-trac, para o transporte do visitante em cadeira de rodas do nível da rua até o patamar da escadaria, tiveram início as obras civis necessárias à instalação do elevador interno.

Tudo será feito sem agressão ao edifício da Casa de Câmara e Cadeia. Não haverá a instalação de trilhos ou qualquer outro elemento na parede externa - a máquina que se comprou é uma espécie de trator de esteira que sobe escada - e o elevador será localizado na área dos banheiros, modificada quando da adaptação do prédio para a criação do Museu, quer dizer, de construção recente.

Banheiros

Com recursos provenientes do MinC - da extinta Secretaria de Patrimônio, Museus e Artes Plásticas - passaram por reforma os banheiros do primeiro pavimento. A obra foi de adaptação para atendimento também a visitantes em cadeiras de rodas, em obediência ao dispositivo legal que rege o assunto.

Manto que ressurgiu

A Capa de São Jorge, em veludo decorado, confeccionada no século XVIII, foi reapresentada ao público, depois de passar por restauração, fazendo parte da exposição "Rex Tremendae Majestatis", do artista plástico Jorge Fonseca.

A escultura São Jorge, de autoria do Aleijadinho, com a peça do vestuário sobreposta aos ombros, puxou uma procissão de centenas de bonecos afixados em estandartes - instalação de rara beleza, que atraiu público numeroso. Os tapetes de serragem colorida tradicionalmente confeccionados pelo povo em Ouro Preto, para a passagem da procissão de Ramos, foi estendido na sala e na rua lateral do prédio do Museu, que teve o trânsito de veículos interrompido. Para completar o cenário, um cavalo branco - a montaria que é atributo do santo - esteve todo o tempo amarrado junto ao portão de entrada.

A geração atual de Ouro Preto desconhecia o manto de São Jorge, que jamais fora exposto.

Repercussão

Isto é Inconfidência teve abordagem consagradora na coluna "Notas de um Repórter", do jornal *Estado de Minas*. Eis o que escreveu Mário Fontana, um dos cronistas de maior audiência em Minas Gerais:

A publicação *Isto é Inconfidência*, boletim informativo do Museu da Inconfidência, de Ouro Preto, dirigido pelo escritor Rui Mourão, em um ato obviamente de pura coincidência, trouxe como matéria principal de seu último número uma crônica com o título *O Início de Tudo, Um Incêndio*.

O Boletim foi distribuído uma semana antes do malfadado incêndio de segunda-feira do casarão que abrigava o antigo Hotel Pilão, registrando uma notável premonição acidental de Mourão sobre o fato acontecido na Praça Tiradentes.

O artigo aborda o incêndio ocorrido em 1950 no antigo prédio do então Fórum de Ouro Preto, situado na mesma Praça Tiradentes, separado do incendiado Hotel do Pilão apenas pelo casarão da Câmara Municipal. Revela que o sinistro, também de grandes proporções, destruiu todo o prédio do Fórum. Por ação de populares, os processos judiciais que lá se encontravam foram rapidamente amontoados na praça, quando se conseguiu salvar boa parte deles. Os processos, muitos de valor histórico incomensurável, foram então, mais tarde, abrigados em uma seção própria do Museu da Inconfidência, onde se encontram até hoje.

No lugar do antigo fórum incendiado foi levantado o prédio que hoje abriga o Centro Acadêmico da Escola de Minas. Como se vê, já em 1950, há mais de 52 anos, um incêndio de grande porte serviu de advertência para a prevenção. Advertência que não valeu nada.

Vitória

Em mais de uma oportunidade o nosso colaborador Rui Ribeiro chamou a atenção para a casa em que viveu o romancista Bernardo Guimarães, em estado de progressiva decrepitude. Seus apelos foram ouvidos. O projeto Monumenta vai fazer a recuperação do imóvel, nele localizando o curso de formação de oficiais em restauração, a ser gerido pela Fundação de Arte de Ouro Preto.

Tiradentes

Magaly Trindade Gonçalves, Zélia Thomas de Aquino e Zina Castelletti Bellodi publicaram, pela Funesp, o livro *A figuração de Tiradentes na ficção brasileira*. Estudados os aspectos antropológicos do herói e do mito, feito o levantamento possível da biografia do mártir da Inconfidência, são analisadas seis obras consideradas pelas autoras como de maior relevância, com o objetivo de revelar de que forma a figura do nosso herói máximo tem sido trabalhada no âmbito da criação.

Apesar das incursões pela Antropologia e a História, o ensaio é rigorosamente literário e revela que a elaboração mítica do personagem nesse terreno, que sofre o influxo da mitificação popular e política, não deforma o que é produzido pela realidade, antes o completa e enriquece.

O volume inclui competente prefácio de autoria do crítico literário Fábio Lucas.

Perda

Vitimado por infecção generalizada, faleceu em Belo Horizonte o professor e desenhista Álvaro Apocalipse, criador do teatro de bonecos Giramundo, que o lançou nacionalmente, com repercussão fora do país.

O artista se encontrava no auge da força criadora, tendo ainda muito que contribuir para o enriquecimento de todos nós. Ouro Preto que estava acostumado a vê-lo no seu espaço urbano participando do Festival de Inverno ou fazendo apresentações de seus espetáculos, particularmente lamentou o seu desaparecimento.

DVD

A Ciclope, com o apoio do PRONAC, acaba de lançar o DVD *Ouro Preto - História e cotidiano de um patrimônio da humanidade*, documentário em Português e Inglês, de 57 minutos de duração. Com fotografia limpa, montagem correta e competente direção, é oferecida uma imagem da cidade que foge às cenas e cenários continuamente repetidos em produções dessa natureza. Pela primeira vez se dá atenção aos distritos, embora essa cobertura tenha sido desnecessariamente alongada, em detrimento de aspectos relevantes de monumentos e vias públicas, como a rua Direita e São José, que não mereceram maior atenção.

O DVD está sendo vendido na portaria do Museu, ao preço de 37 reais.